

## PRAÇA IMPRENSA FLUMINENSE



Existia ainda o Passeio Público - primeiro jardim construído nesta cidade, no local onde se encontra hoje, em construção o Centro de Convivência Cultural.

(Extraído do artigo "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", inserido às fls 8 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular", de Campinas, de 14-julho-1974 - Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campinas)

anpv/08/83



PRACAS, RUAS E AVENIDAS DE CAMPINAS  
(Trabalho de Aláôr Malta Guimarães)

— X —

## IMPRESA FLUMINENSE

(Circundada pela Avenida dr. Julio de Mesquita, ruas da Conceição, Antonio Cezarino e General Osorio, na parte central da cidade).

A denominação foi dada em 19 de agosto de 1889, por proposta de Otto Langard (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria (Ruas da Epoca Imperial). Chamou-se, antes, Largo Municipal, Passeio Publico e Jardim Publico. Atualmente funciona nele o "Parque Infantil D. Violeta Doria Lins", denominado pela Lei número 383, de 6 de setembro de 1930.

Dados Históricos: A historia da Praça Imprensa Fluminense é contada por Leopoldo Amaral, da seguinte forma: "1876, por iniciativa dos srs. Coronel Augusto Cesar do Nascimento, Antonio Benedito de Cerqueira Leite, Carlos Augusto Bressane, dr. Rafael Branco e João Morthe, foi conseguida a criação do "Passeio Público". Para isso colaborou muito o ilustre botânico Joaquim Correa de Melo. No centro desse Passeio foi colocado um lindo coreto, artisticamente trabalhado em ferro e com belos ornatos, oferecido pelo conhecido industrial sr. W. V. Lidgerwood. O Passeio Público foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1883. O quiosque doado pelo sr. Lidgerwood, foi construído pelos srs. Conrado Mayer e José Antonio de Aquino. A arborisação e o ajardinamento, feitos sob os cuidados de Joaquim Correa de Melo, mereceram do ilustre botânico especial carinho. As Arvores foram cuidadosamente trazidas das nossas matas e dentre elas se destaca o famoso "Pau Brasil". Muitas e muitas festas suntuosas foram ali realizadas destacando-se a em beneficio do Asilo de Orfãos da Santa Casa".

Seis anos apos a sua inauguração, isto é, em 1889, segundo dizeres do proprio "Otto Langard", quando do primeiro periodo da epidemia da febre amarela, quando a cidade ficou à sua mercê e desprovida de recursos, a Imprensa Fluminense representada pelos jornais: "O Paiz", "A Gazeta de Noticias" e "O Jornal do Comercio" abriram uma subscrição popular que se elevou à soma avultadissima, a qual foi enviada para auxiliar os desamparados, daí, pelo nobre gesto, ter sido proposto que o Largo Municipal, já então conhecido como Passeio Público se denominasse Praça Imprensa Fluminense, proposta que foi aceita por unanimidade pela Camara Municipal.

# Imprensa Fluminense

(Circundada pela Avenida da Dr. Julio de Mesquita, ruas da Conceição, Antonio Cezarino e General Osorio, na parte Central da Cidade).

A denominação foi dada em 19 de agosto de 1889, por proposta de Otto Langard (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial") Chamou-se, antes, Largo Municipal, Passeio Público e Jardim Público. Atualmente funciona nele o "Parque Infantil D. Violeta Dória Lins", denominado pela Lei número 383, de 6 de setembro de 1950.

Dados Históricos: A história da Praça Imprensa Fluminense é contada por Leopoldo Amaral, da seguinte forma: "1876, por iniciativa dos srs. Coronel Augusto Cesar do Nascimento, Antonio Benedito de Cerqueira Leite, Carlos Augusto Bressane, dr Rafael Branco e João Morthe, foi conseguida a criação do "Passeio Público". Para isso colaborou muito o ilustre botânico Joaquim Correa de Melo. No centro desse Passeio foi colocado um lindo coreto, artisticamente trabalhado em ferro e com belos ornatos, oferecido pelo conhecido industrial sr. W. V. Lidgerwood. O Passeio Público foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1883. O quios que doado pelo sr. Lidgerwood, foi construído pelos srs. Conrado Mayer e José Antonio de Aquino. A arborização e o ajardinamento, feitos sob os cuidados de Joaquim Correa de Melo, mereceram do ilustre botânico especial carinho. As Árvores foram cuidadosamente trazidas das nossas matas e dentre elas se destaca o famoso "Pau Brasil". Muitas e muitas festas suntuosas foram ali realizadas destacando-se a, em benefício do Asilo de Orfãos da Santa Casa".

Seis anos após a sua inauguração, isto é, em 1889, segundo dizeres do proprio "Otto Langard", quando do primeiro período da epidemia da febre amarela, quando a cidade ficou à sua mercê e desprovida de recursos, a Imprensa Fluminense representada pelos jornais: "O Paiz", "A Gazeta de Notícias" e "O Jornal do Comércio", abriram uma subscrição popular que se elevou à soma avultadíssima a qual foi enviada para auxiliar os desamparados; daí, pelo nobre gesto, ter sido proposto que o Largo Municipal, já então conhecido como Passeio Público se denominasse Praça Imprensa Fluminense, proposta que foi aceita por unanimidade pela Câmara Municipal.



# LARGO DA BOA VISTA

ANPV 1 2193-4



Em a sessão ordinária da Câmara, realizada a 16 de janeiro de 1855, presidida por Amaral Gurgel, o vereador Francisco Barreto de Souza apresentou indicação para que ficasse considerado largo público uma quadra existente para os lados do nascente, no Cambuisal, devido o aumento de casas no referido bairro, que não dispunha de nenhum largo. Ao que afirmou o vereador, a quadra ou quarteirão ao qual se referia, se achava desprezada, no rol dos terrenos devolutos, e concluiu recomendando ao fiscal que ficasse de so-

bre aviso, a fim de que ninguém construísse no local.

Na sessão seguinte, da Edilidade, realizada a 18 do mesmo mês de janeiro, a pedido do Fiscal esclareceu o vereador Barreto de Souza que a quadra que havia indicado para largo público se situava entre as ruas Formosa e das Casinhas, defronte propriedades de José Francisco de Oliveira e Manoel José Gomes, e sugeriu que se denominasse a dita quadra de Largo da Boa Vista, com o que concordaram os seus nobres pares.

Aquela referência à propriedade de Manoel José Gomes, ou Maneco Músico, pai de Carlos Gomes, já deu aso a que se supuzesse tratar o quarteirão indicado para praça o do atual Largo Carlos Gomes, uma vez que o velho Gomes possuiu casa na esquina das atuais vias General Osório e Anchieta. No entanto, como o bairro Cambuisal, futuro Cambui, nasceu lá no alto, e não aqui na baixada, e as boas visões panorâmicas se descortinavam dantes daquele alto, para chamar-se "Boa Vista", não padece dúvida de que Largo da Boa

Vista foi realmente, em 1855, o que temos hoje como Praça Imprensa Fluminense. Quanto à referência à propriedade de Manoel José Gomes, verdade é que o velho Nhô Maneco, além de mestre de música fora Juiz de Paz e podia ser considerado cidadão de posses, para dispor de terrenos ou imóveis outros algures da cidade, como o da Rua da Matriz Nova, onde nasceu Carlos Gomes, e da Rua do Pórtico, aonde veio a residir José Sant'Ana Gomes.

## A DEMANDA SURGIDA

### COM A INDICAÇÃO DO EDIL BARRETO DE SOUSA

Um fato que nos surpreende hoje constatar, é que mesmo por aquela época de uma Campinas de acanhado contorno urbano, nem por isso andavam os senhores vereadores devidamente a par das coisas públicas em sua cidade.

Ao ser aprovada no seu todo a indicação de Francisco Barreto de Sousa, preservando intacta uma quadra no Cambuisal para Largo da Boa Vista, ignoravam os nobres edis e com eles o Fiscal da Municipalidade que no referido terreno já se construía uma casa, em vias de remate, e que a dita casa tinha como proprietário justamente o Procurador da Câmara, Francisco Ferreira Pires, a quem fora concedido o terreno por "carta de dação"!

O que aconteceu desde logo foi que o Fiscal, ao tentar cumprir ordens da Edilidade, teve pela frente o Ferreira Pires, seu superior hierárquico, e que não era mole ao defender o que possuía de direito. Do impasse surgido deu conhecimento à Câmara o presidente Amaral Gurgel, em sessão extraordinária realiza-

da a 14 de fevereiro de 1855, resultando daí a destituição do Francisco Ferreira Pires do cargo de Procurador e mais o de Arruador, que exercia cumulativamente, subindo a questão a juízo. A demanda iniciada naquele ano de 1855 prolongou-se até outubro de 1858, durante três anos, portanto, e o Ferreira Pires que tivera ganho de causa em tribunal campineiro veio a perder, por fim, no Rio, por sentença proferida pelo Tribunal da Relação.

## O PASSEIO PÚBLICO

### EM QUE SE CONVERTEU

### O LARGO DA BOA VISTA

Após os acontecimentos acima relatados, a notícia que temos da quadra reservada para largo público, no Cambuisal, e que fora objeto de litígio judicial, foi a que inseriu Leopoldo Amaral, em seu Almanaque de Campinas de 1900, contando da criação do Passeio Público na atual Praça Imprensa Fluminense, por iniciativa dos srs. cel. Augusto Cesar do Nascimento, Antonio Benedito de Cerqueira Leite, Carlos Augusto Bressane, dr. Rafael Branco e João Mouthé, em o ano de 1878. Para a escolha das árvores ali plantadas houvera a colaboração de Joaquim Correa de Melo.

Tivemos ensejo de anotar em um outro escrito, ter sido costume na Campinas do Império confiar a Municipalidade as obras de ajardinamento e embelezamento das praças públicas ou jardins a uns quantos cidadãos não só de destaque social mas também de posses, que na maioria das vezes cobriam as despesas das obras em rateio entre si. Dois anos após a data apontada por Leopoldo Amaral, como da criação do Passeio Público, isto é, em 1878, a Comissão encarregada de superintender as obras de melhoramento da praça, já não mais contava com os cidadãos Antônio Benedito de Cerqueira Leite e Carlos Augusto Bressane, e aos três cidadãos restantes se juntava Antonio Joaquim Gomes Tojal.

Esta Comissão, em 10 de abril de 1878, fez sentir à Câmara a necessidade do imediato encanamento do gás, no Jardim do Passeio Público, para a iluminação do mesmo, com doze lâmpoões, e também

do quiosque existente no logradouro. Esse quiosque, segundo Leopoldo Amaral, foi construído por Conrado Mayer e José Antonio de Aquino. Mais tarde, em 1883, o industrial W. V. Lidgerwood, ofertou ao Passeio Público elegante coreto, todo de ferro, com belos ornatos, que é o que se encontra esquecido no jardim da Praça do Lemos, na Vila Industrial.

Mas relatemos, agora, o como veio a findar-se o bem cuidado Passeio Público, remanescente do Largo da Boa Vista, junto ao Cambuisal.

## O JARDIM PÚBLICO

### DA DOMINGUEIRA

### RETRETA MUSICAL

O Passeio Público, que chegamos a conhecer, no primeiro quartel do presente século, embora a legenda oficial, em sua placa, de Praça Imprensa Fluminense, o apelido pelo qual ficou geralmente conhecido foi o de Jardim Público. Aprazível e pitoresco logradouro, possuía ao canto das ruas Conceição e Augusto César, uma gruta, servida de terraço e bancos de pedra, em seu topo, para uma vista panorâmica da cidade, aqui na baixada, ao tempo em que não existiam os prédios arranha-céus. Um sistema de encanamento em torno da gruta espargia água por sobre as folhagens e trepadeiras, que pintalgavam de verde o cinzento das pedras. E junto ao chafariz, cujas águas corriam em estreitos canais a descoberto, se construía uma ilha, com bancos para os namorados.

Tinha algo de crômo em seu pitoresco, o velho Jardim Público, que com a sua música, nas noites de domingo, se tornou o ponto preferido para reunião das famílias e dos moços, antes da reforma e ajardinamento do Largo Carlos Gomes, que data de 1913.

O primeiro golpe sofrido pelo Jardim Público, foi quando por ocasião da Prefeitura Perseu Leite de Barros, alguém se lembrou de lhe suprimir larga faixa, para fins de instalação de um Parque Infantil. Mais tarde, quando da Prefeitura Rui Novaes, com o projetado "Centro de Convivência Social", sobreveio o resto de destruição do Jardim Público e mesmo da Praça Imprensa Fluminense. Quanto a seu futuro, saberá Deus o que virá a ser... (J. MARIANO)

reira, distintíssimo clínico da Córte, enviado como chefe da comissão de Imprensa, cativou aqui as simpatias gerais, pelo seu trato ameno, pela sua robusta ilustração e pelo seu infatigável ardor em acudir a todos que o procuravam necessitando dos seus serviços médicos. Esse distinto cavaleiro desempenhou cabalmente a sua missão e deixou aqui nos corações de muitos proletrários a eterna lembrança e o reconhecimento de todos. "Foi assim que o publicista campineiro viu o gesto nobilitante da Imprensa Fluminense e de seus orientadores, cuja luta na campanha durante a febre amarela poderá se resumir nas linhas que adiante traçamos. Já havia sido organizada no Rio de Janeiro (-9 de março de 1889) a comissão que deveria vir à Campinas prestar os primeiros socorros à cidade, integrada pelo seguinte pessoal: Chefe, dr. Francisco Correia Dutra; auxiliares, dts. Amílcar A. de Ataliba Fernandes, Carlos de Oliveira Costa, Vito Pacheco Leão, Alberto de Castro Menezes, Eduardo Fernandes, Mario de Souza Ferreira e Hugulino Aires de Albuquerque e os estudantes de medicina internos, João de Souza Gomes Neto, Carlos Pinto Soldi, Alberto de Santiago, José Joaquim de M. Sarmento, Poncio J. Alves Cabral e Francisco de Araujo Mascarenhas: farmacêuticos, João Soares de Almeida e Odilon; secretário geral, dr. Alfredo Lemos, comissão de saneamento da cidade, dr. Francisco Marques de Araujo Goes, Henrique de Barros; auxiliares, estudantes, chefes da desinfecção, Oscar da Costa A. Borgeten, Lourenço Hollandia Lima e Antônio Teixeira.

Da Capital da Província, por intermédio de sua imprensa, foram enviados igualmente os primeiros socorros a outras cidades do interior, condoídas das trágicas ocorrências aqui registradas no setor da saúde pública, também estenderam generosamente suas mãos para a Capital Agrícola da Província.

Estamos, então, naquêle primeiro período da segunda invasão da febre amarela em nosso território, batido pelas circunstâncias dolorosas das primeiras impressões de terror já guardadas nas manifestações de 1890. Ainda assim, as discussões pela imprensa entre os médicos da cidade prosseguiram (28 de março), quando se soube de outro consoladora promessa do envio de medicamentos que viriam da Córte, oriundos do laboratório químico farmacêutico militar, principalmente de desinfetantes para serem espalhado pela cidade pestuada.

Foi quando o "Diário de Notícias" lançou veemente apêlo entre a população fluminense aderindo ao patriótico sentido dos socorros enviados pela capital paulista, mandando, inclusive à cidade de Santos, igual-

## A IMPRENSA FLUMINENSE

Muita gente existe na cidade que estranha o nome dado a um antigo largo campineiro, freqüentado pela melhor sociedade campineira até em dias deste nosso século e que tem o nome de Praça Imprensa Fluminense. Dela disse e escreveu Alfredo Carneiro "que foi uma irmã caridosa benfeitora para Campinas, durante o tempo mais horrroso da peste que avassalou a cidade. Os seus dignos componentes, aquêles cérebros cheios de inspiração, aquelas penas cintilantes souberam descrever, fielmente, o quadro tremendo e dolorosíssimo porque passamos, chamando todos os corações a participar dos nossos sofrimentos e a estender sobre os aflitos o manto sublime da caridade. Bem hajam: êsses filantropos escritores que transformam suas penas em escudos de sofrimentos! Bem hajam êsses cérebros que, com suas inspirações tantas lágrimas fizeram secar à flôr dos olhos e tantas mãos fizeram estender-se sobre as cabezinhas louras dos pequeninos órfãos. A Imprensa Fluminense empenhou-se com fervor em mitigar os males que nos perseguiram. E o seu resultado correspondeu à expectativa. Espetáculos, corridas, bandos precatórios, concêrtos, tudo ela promoveu, colhendo muitos contos de réis que imediatamente enviou para esta cidade. Parece que ela estava ouvindo os gemidos dos enfermos agonizantes e os soluços dos párias desesperados. Os seus membros deixaram por alguns dias os seus labores e saíram pela cidade à procura de donativos. Por tôda parte aderiram francamente ao seu caridoso empenho. Os donativos choviam e muitas vezes, com a dádiva carinhosa recolhiam para as salvas estendidas um pranto de saudade ou de comiserção... Homens e mulheres corriam, à porta, para com seus óculos arrancarem da miséria e da fome os pobres flagelados. As crianças, com seus olhos angélicos, fitos naquelas procições de caridade, sorriam encantadas para a multidão e batiam com as mãozinhas alvas, palmas vindas do céu... E os beneméritos da Imprensa seguiam incansáveis na sua tarefa humanitária e sorriam agradecidos quando tinham nas salvas e bôlsas as moedas doadas pelos corações generosos. Cada um daquêles sorrisos era uma lágrima resgatada! Bem haja a Imprensa Fluminense. O sr. dr. Cleonete Fer-

mente sentindo os terríveis efeitos da febre amarela, uma comissão especialmente organizada. O eminente brasileiro Rui Barbosa, que escrevera em fôlha do Rio de Janeiro vibrante artigo pedindo a atenção de seus compatriotas para a situação de penúria de Campinas, aderiu, desde logo à idéia de se socorrer os campineiros assim como o "Diário de Notícias", além de outros jornais dos plúmiferos cariocas.

Dias mais tarde, (abril), a redação do jornal de Sarmento recebia: "Rio de Janeiro, 15 de abril de 1889. Sr. Redator do "Diário de Campinas". Tenho a honra de comunicar a V. S. que em reunião da Imprensa Fluminense hoje feita, ficou resolvido promover-se sábado um bando precatório e um festival no Teatro D. Pedro II, em favor das vítimas da epidemia dessa cidade. A comissão ficou composta dos srs. Souza Teixeira, Alcindo Guanabara, Filinto de Almeida, Fernana Hassicon, Antônio Azevedo, Pardal Mallet, Valentim Magalhães e Henrique Chaves. Deus guarde a V. S. (a) — Henrique Chaves, presidente da reunião."

Além desse bando precatório e festival no teatro, resolvêra-se, também, indicar por proposta do sr. Alcindo Guanabara aos diversos clubes de corridas da Corte que realizassem conjuntamente uma corrida em favor dos epidêmicos de Campinas, bem como enviar, desde aquela data, cinco contos de réis para auxílios em dinheiro e medicamentos farmacêuticos, e mais um carro ambulância. Sabia-se depois em Campinas que individualmente o dr. Ferreira de Araujo, então redator chefe da "Gazeta de Notícias" abria uma subscrição em favor dos doentes daqui, cujo produto seria encaminhado à comissão da Imprensa Fluminense.

O Sr. Presidente da Câmara Municipal local recebia pouco depois um ofício concebido nestes termos: "Sr. Presidente da Câmara Municipal. "A empresa de o "País" por intermédio do sr. Visconde de Salvador de Matosinho, como manifestação de grande interesse que lhe inspira a situação calamitosa em que se encontra a população de Campinas, oferece à essa Câmara o suprimento à sua custa de todos os medicamentos de que necessitam os enfermos da epidemia que assola essa cidade. Queira essa Câmara Municipal usar desde já desse oprecimento da empresa de "O País". Em carta pedimos as suas ordens para a pronta satisfação do suprimento aludido."

Pouco tempo depois Campinas recebia a ambulância enviada pela Imprensa Fluminense, instalando-se a mesma à rua dr. Quirino, canto da rua do Caracol (Benjamin Constant), baixos do Hotel Europa, (onde hoje

grande número de medicamentos e receitas enviadas pelo dr. Clemente Ferreira. Dizia-se, então, que este médico que se salientou no combate ao mal, era natural de Rezende, fizera um curso brilhante na Faculdade de Medicina da Corte e depois de formado fôra exercer a profissão em sua cidade natal, onde se tornara desde logo vantajosamente reputado. Já havia escrito vários trabalhos científicos, em francês, todos já recebendo merecidos aplausos nos meios competentes. O dr. Azevedo Corrêa era, igualmente, um clínico hábil, natural do Maranhão e sabia-se que iria prestar grandes serviços à comissão de que também fazia parte, sendo médico e farmacêutico habilitadíssimo, profissões que exercera em importante estabelecimento militar. Assim, não só como médico, como, também, farmacêutico, vinha disposto a prestar todo socorro possível aos doentes em Campinas, bem como trabalhando na manipulação de receitas com os farmacêuticos daqui e os que viessem da Côte.

Foi daí então, naquêles dias tormentosos que nasceu a idéia de se fundar um Asilo de Orfãos em Campinas em virtude da situação dolorosa de uma dezena de pequeninos inocentes, orfãos de um momento para outro, pela morte de seus pais, às vezes ocorridas em menos de uma semana entre o desaparecimento de um e outro chefe da família e sua consorte. Nesse sentido (29 de abril), no consistório da Matriz da Conceição reuniram-se na tarde anterior áquele dia diversos cavalheiros representantes da imprensa campineira, com o fim de resolverem o quanto antes os meios de se fundar nesta cidade aquella associação onde fôsem recolhidas as crianças de ambos os sexos a quem a epidemia roubara a proteção paterna e materna, ficando desamparadas e sem ter quem as socorressem. Nessa reunião, foi assumido presidente o dr. Francisco Augusto Pereira Lima, o primeiro a se levantar da vida errante desses pequeninos na cidade e que fôra o indicador da generosa idéia. Foi eleito tesoureiro da novel agremiação Bento Quirino dos Santos. Explicado o fim da reunião, resolveu-se imediatamente enviar-se ao officio a D. Joaquim José Vieira, já então Bispo do Ceará, fundador da Santa Casa de Misericórdia local, pedindo-lhe que se dignasse tomar sob sua alta e valiosa proteção a generosa idéia. "Distribuiu-se, poucos dias depois, uma circular em que se afirmava que "Campinas, outróra tão cheia de vida, apresenta-se hoje, abatida e coberta de sombra tristeza, existindo por tôda a parte o luto, a dor, a agonia e a miséria. Na desolada cidade só há gemidos e lágrimas dos que ficaram privados dos entes queridos. Crianças, ainda necessitadas dos carinhos paternos, que eram pouco antes acariciadas pelos beijos de quem lhe deu a vida, encontram-se sem teto, sem abrigo, orfãos de pais e mães. Não pode ser mais cruel o quadro que temos



diante dos olhos. "E termina a circular": — Esta esmola pedida em nome dos infortunados, bendita como é, ser-lhe-á recompensada, transformando-se na felicidade das criancinhas que em seus inocentes corações bendirão o nome de V. Excia."

Foi esse médico, o dr. Pereira Lima que, também, em sessão da Câmara Municipal de 23 de janeiro de 1882, apresentou projeto de lei para ser remetido à Assembléa Provincial creando um emprêgo de vacinador público, com vencimentos pagos pela Comuna local, sustentando que "esta medida, pela sua grande conveniência e alcance de interesse público, deve ser realizada freqüentemente pelo menos em períodos certos e determinados para que o povo possa gosar do grande benefício da vacinação. "Nessa mesma data o sr. Francisco Glicério requereu que a indicação fôsse remetida à Comissão de Higiene Pública.

Já então aqui se encontravam os membros da comissão de socorro (26 de abril) e fora nomeado o dr. Clemente Ferreira para seu representante na cidade, a quem se officiara nesse sentido, encarregando-o de enviar, com brevidade, possíveis indicações sobre o melhor meio de se aplicar os doativos já recolhidos na Côrte. Ao mesmo tempo, essa comissão da Imprensa Fluminense encarregava aos srs. Derneval Fonsêca e Augusto de Azevêdo para atender aos pedidos de medicamentos que fôsem feitos pelo diretor da mesma. Resolvêra-se mais que os delegados dos jornais do Rio de Janeiro haviam decidido aplicar em socorro das viúvas e orfãos, vítimas da epidemia, o produto líquido das corridas que haviam sido realizadas na Côrte dia 21 de abril. Nesse sentido colhiam-se informações na cidade sobre as necessidades de inúmeras famílias privadas de seus chefes, tudo feito secretamente, afim de não se ferir susceptibilidades. Nesse mesmo dia, em nossa cidade, a "Gazeta de Campinas" com quase todos seus empregados das officinas atacados pelo mal, suspêndia sua publicação, sendo a matéria e atos de suas officinas transferidas para o "Diário de Campinas", então representado pelo seu diretor, sr. Heitor Barbosa. Todos os socorros já enviados de fóra da cidade haviam sido encaminhados às pessoas necessitadas e louvava-se em Campinas o gesto amorável da Imprensa Fluminense que em tão boa hora viera, por intermédio de seus representantes, ver com seus próprios olhos o estado de desolação, de miséria e de fome em que estava mergulhada esta terra. Recebia-se, com satisfação, a notícia de que o destacado benefitor da cidade havia sido homenageado pela mesa administrativa da Santa Casa de Rezende, tendo em atenção os relevantes serviços prestados durante muitos anos áquela pia instituição pelo dr. Clemente Ferreira, resolvendo-se inaugurar um seu retrato á óleo daquêle facultativo

e colocando-o em seu salão de honra. E, Campinas, jubilosa, receberá a notícia com gerais aplausos de todos aquêles que já haviam entrado em contacto com o distinto rezendense, louvando a idéia e felicitando o então chefe da comissão médica de socorros que naqueles dias se encontrava em nossa cidade, enviado pela Imprensa Fluminense.

Sabia-se em Campinas, (1.º de maio), que o bando precatório promovido no seio da sociedade fluminense, destinado a socorrer Campinas, fóra realzado com grande successo. Longo fóra o préstito que, com a maior importância, occupára extensão imensurável, passando por entre alas de povo que regorgitava em tôdas as ruas.

A população contribuindo poderosamente para maior brilhantismo do caridoso cortejo, adornara as janelas de seus prédios residenciais de onde se debruçavam senhoras e cavalheiros, todos porfiando nas dâdivas espontâneas. No préstito haviam figurado cinquenta e quatro carros, dentre êles três alegóricos, que produziram grande efeito e os demais portando estandartes coloridos, de várias sociedades. Os três carros alegóricos eram os seguintes: um, apresentando um prélo que imprimia poesias das exmas. sras. d. Narcisa Amália e Adelina Lopes Vieira, sendo cada exemplar vendido a cem mil réis; outro, representando a miséria e a viuvez e o último apresentando figuras de orfãos. E, em seguida, podia-se lêr a poesia: "Salve povo fluminense — versos de Pedro Malazarte — Caridade, égide santa, contra os tormentos do mal, tu tens a graça que encanta, e a magia divinal. És tu que o amor nos leva. É o amor que te conduz, e o gaudio nas densas trevas, os sulcos de argêntea luz. — Soluça uma dor, um grito? Turva a terra o negro horror? E rápida vens do infinito, e voas em chamas de amor. — Foi assim... Tu que dominas, as almas corações, destes por amor de Campinas, as santas irradiações. — Deixa luz esplendente, Santelmo que nos conduz, luz divina, alvinente, dos braços da cruz. — Dêsse amor que tudo vence, mais um fato a história tem, Salve povo, fluminense, que sabe fazer o bem."

A verdade é que a gente daquela terra deu de si o que pôde para proporcionar à Campinas se não o consolo da esmola, pelo menos a idéia de que ela não estava só. Recebiam-se dinheiro e medicamentos para serem distribuídos às viúvas e orfãos, aquelas em maior número, sendo de se destacar que a própria Princesa Isabel concorrera com a importância de 200 mil réis no espetáculo realizado no Rio de Janeiro, também em benefício de nossa cidade. Os volumes (381), de medicamentos vieram quase em seguida, em meados de maio, contendo desinfetantes, mantimentos e remé-





dios, tudo enviado por intermédio do sr. Baldomere Fuentes, pertencente à redação do "Jornal do Comércio." Com o quase desaparecimento do surto mais violento da doença do vômito negro (26 de maio), a comissão de socorros da Imprensa Fluminense fez no dia anterior sua última distribuição de donativos, pretendendo retirar-se no dia seguinte para a Córte, sendo socorridas centenas de pessoas naquele dia, havendo grande aglomeração de indigentes junto à ambulância, a ponto de gerar discussões e brigas, além de pancadaria. Publicou-se depois um relatório por intermédio do dr. Clemente Ferreira pelo qual se verificou subir a 67:968\$000 o auxílio em dinheiro para as vítimas da doença amarílica, recebidos da comissão central do Rio de Janeiro, não estando compreendidos nessa importância outros dinheiros e gêneros alimentícios que estavam, ainda, sendo distribuídos pelo "Correio de Campinas" e pela fôlha de Sarmento. As despesas da comissão com a permanência na cidade, durante trinta e cinco dias, fôra paga por dois clínicos, quatro farmacêuticos e 2 enfermeiros, com as passagens de ida e volta, custando 300\$000. Registrou, então, o "Diário de Campinas" noticiando a partida daquele grupo de socorro de volta aos seus pagos, dizendo "que não haveria de lhes faltar as bênçãos e gratidão do povo campineiro a quem propiciára alívio em sua miséria"! Na estação da estrada de ferro, foram levar suas despedidas em nome da cidade, o sr. José Paulino Nogueira, presidente da Câmara, Cônego Cipião Junqueira, presidente da Sociedade Protetora dos Pobres, Joaquim da Rocha pelo jornal citado, Bento Quirino dos Santos e cavalheiros de nossa sociedade, reconhecidos aos integrantes daquele benemérito conjunto. A gente da Imprensa Fluminense, que tão prontamente acorreu em auxílio das vítimas na fatal campanha aberta por uma peste insaciável, deixara patente que era impossível reconhecer a soma de esforços, de dedicação e solícito empenho dessa imprensa humanitária proporcionando à cidade ao par de socorros materiais, o consôlo de sua sincera participação na dor profunda que a cobria durante três meses, como si fôra um manto negro envolvendo o perfil esqualido de um monge... Não houve sacrifícios, não houve dificuldades, não houve cansaços que tolhessem a iniciativa caridosa dos jornais da Córte. No meio da movimentação agitada da vida fluminense, naquele borborinho de negócios e de interesses de tôda a sorte, naquela metrópole de sôrdida politicagem brasileira, naquele ninho de egoísmo e de pequenas paixões inconfessáveis, surgiu, de súbito, um grupo de jornalistas iniciando a cruzada do bem, através do coração do povo fluminense, tocando a fibra mais sensível desse músculo em benefício de pobres, de viúvas e de orfãos,

surpreendente, ainda, no seu isolamento, inocentes creaturinhas privadas do amor de seus pais ou de tristes indigentes consumidos no fundo de um leito miserável, ali atirados pelo calor pestilento da febre devastadora.

E a caridosa legião percorrendo as ruas tódas de uma cidade conseguiu acumular naquela proximidade, o vintém humilde do operário, ainda sangrando do suor ou da lágrima dos que melhor puderam compreender a desgraça; o vintém triste e negro do pobre, que se transformara na moeda rutilante e vitoriosa dos filhos da fortuna. Foi percorrendo de casa em casa, o comércio opulento, afastando-se por momentos de seus negócios, esmolando a migalha para encher um cofre comum de dinheiro, recolhendo uma camisa de chita, um par de sapatos, uma garrafa de vinho, um objeto qualquer conversível em dinheiro, o maior elemento de defesa contra a espantosa difusão da epidemia. "Adiante, escrevia o jornalista Alfredo Pujol — "Mas, não parou aí o impulso afanoso da imprensa fluminense. Enquanto seus jornalistas e os repórteres se empenham em pedir esmolas e donativos, uma comissão médica e uma ambulância com farmacêutico e enfermeiros por ela enviadas penetravam o campo da morte e vinham iniciar os serviços involvidáveis que não fôra preciso encarecer no coração agradecido de Campinas. Como pagarmos nossa dívida, tão grande, contraída por uma corporação inteiramente desinteressada, que tem o seu foco e a sua vida em outra Província e que apenas penetra a de S. Paulo com as irradiações poderosíssimas de sua luz brilhantíssima? Há sacrifícios que não têm preço! "E, adiante, termina Pujol — "Nem a riqueza dos milionários, nem a fertilidade do teu solo, nem a beleza de tuas paisagens, nem os labores primorosos de teu templo magestoso e a opulência de tua indústria florescente, nada a infeliz cidade perseguida poderia jamais pagar no livro de tua história. Esta dívida memorável que contraíste, à dedicação carinhosa de todos que te tiveram uma lágrima para chorar tua desgraça e uma esmola para socorrer teus filhos."

A direção de "O Globo", da Córte, em dias daquele mês de junho (26), oferecia um banquete à Imprensa Fluminense que tivera tão destacado papel na luta contra o mal que vitimára Campinas, destacando-se os nomes dos drs. Clemente Ferreira e Azevêdo Correia.

Em nossa cidade a projetada homenagem para a colocação do marco de mármore à frente do edifício da casa comercial de Santos, Nogueira e Irmãos iria contar com a colaboração popular, accitando, no entanto, a comissão promotora somente 100 réis (10 centavos) de cada contribuinte, nem mais um vintém. A população campineira, no entanto, que apreciara





na devida conta o trabalho insano do presidente de nossa Câmara Municipal iria, igualmente, mandar tirar um retrato à óleo do benemérito José Paulino Nogueira, aceitando somente 2 mil réis por cabeça, retrato esse que seria inaugurado na sala de sessões do antigo Senado campineiro. A outra homenagem a ser prestada ao Cônego Scipião Junqueira, teria as mesmas finalidades e sentido.

Reconstituiu-se, naquêle período da vida campineira, que retomava as rédeas de seu destino, a Sociedade Artística Beneficente e naquela mesma data, que era uma quarta feira, no edificio da sociedade M. P. Luiz de Camões realizar-se-ia uma reunião de seus sócios, presidindo-a o sr. Próspero Belinfanti. Foi eleito, então, sua nova diretoria: Presidente, José da Fonseca. — 2.º — Bernardo Alves Teixeira. — tesoureiro — Manoel Ferreira da Trindade — Visitadores — Francisco José de Carvalho e Conrado Maier.

O Governo Imperial reconhecendo, também, os bons serviços prestados pelos srs. drs. Azevêdo Correia e Clemente Ferreira agraciára-os com a Ordem Oficial da Rosa, notícia essa que circulou em Campinas, com gerais aplausos.

Quando o jornalista Baldomero Carqueja nos visitou (como representante da Imprensa Fluminense (15 de agosto), a população campineira pôde demonstrar eloquentemente a importância da dívida que contraía para com essa generosa e humanitária entidade, tão pronta e tão solícita em obter e enviar para esta cidade tantos donativos destinados a socorrer os indigentes surpreendidos na sua pobreza pela tristeza da epidemia recente. Não houve, então, coração de campineiro que se não enchesse de gratidão e simpatias por essa respeitável corporação, que não se contentando em velar pelos direitos e interesses da sociedade, procurava, sempre que se lhe deparava ensejo favorável, mostrar a grandeza de seus intúitos e a elevada compreensão que tem no seu papel". Ficamos satisfeitíssimos — "registra a imprensa local" — pelo modo brilhante e digno com que o povo campineiro justificou essa dívida sagrada perante o primeiro membro daquela imprensa que pisou este solo, ontem, ainda, abatido pela rajada triste da morte e da desolação e já agora expandindo-se cheia de seiva e de um novo sol que tantas esperanças veio alentá-la e fortalecê-la. Ante a pessoa de Baldomero Carqueja, todas as homenagens populares foram justíssimas, já particularmente pela sua dedicação que o nosso colega teve, ou pela preciosa coletânea entre as casas comerciais do Rio de Janeiro, porque ele para nós representou a coletividade jornalística a quem devemos benefícios de tão grande alcance. Para nós, ele foi a representação viva de todos esses nomes que por nós se

esforçaram, desde a iniciativa do grande coração de Rui Barbosa até o concurso de quantos militam na imprensa fluminense, trabalhando todos num esforço sempre crescente para atenuar a miséria que ameaçava sepultar essa pobreza desvalída. E, portador dessas homenagens, o hóspede que acaba de nos visitar saberá dizer aos seus chefes e aos seus companheiros o valor que ligamos aos benefícios de que os cobriram de bençãos e a enorme gratidão que nos prende tão desinteressadamente aos nossos benefeitores."

Mas, os versos do poeta também pertencente a dedicada imprensa que socorrera de maneira tão significativa ao povo campineiro, ainda ficariam para a posteridade, declamados por todos aquêles que ainda amam Campinas e podem, agora, em nossos dias de 1966, compreender a grandeza da solidariedade humana entre um povo que sempre foi irmão em todos os quadantes de nossa pátria. Pedro Malazarte, que, talvez, esconda o pseudônimo desse artista do verso, assim escreveu mais quando o bando precatório a que nos referimos percorreu as ruas do Rio de Janeiro, pedindo uma esmola para Campinas, isto, além dos outros versos lidos neste capítulo de nossa história e referentes à mesma atividade dos cariocas:

Hoje, percorre a cidade,  
Em festas das mais divinas,  
Implorando por Campinas  
o Bando da Caridade.

Contemplára tóda a gente,  
A sorte maravilhada,  
A grande festa sagrada,  
O belo quadro esplendente.

Corramos a dar a esmola,  
Abram-se as bolsas, carteiras  
E das nossas algeibeiras  
Passe o óbulo á sacola.

A caridade é o encanto,  
O sonhado paraíso  
Que a grande festa do riso,  
Da tristeza enxugue o pranto.



Que tantas graças divinas,  
Da divina caridade,  
Se estendam desta cidade  
À desolada Campinas."

Aliás, em 19 de julho daquele mesmo ano, já a Câmara campineira havia resolvido, dentre outras coisas: "Enviar officio á comissão de imprensa do Rio de Janeiro, segundo o deliberado em 15 do corrente, traduzindo o sentimento da cidade, dirigindo-se à Comissão de Imprensa da Côrte, agradecendo-lhe os inestimáveis serviços de seu apostolado humanitário a esta terra, por ocasião da epidemia que com tamanha cruza a flagelara. Tão alevantados em seus intuitos de caridade, não se satisfez em vibrar tão fortemente de emoção em benefício de uma cidade assolada pela peste; a benemérita comissão de imprensa no santo direito e delírio de fazer o bem, cummulou á mãos professoras a pobreza, de auxílios pecuniários e de gêneros de tôda espécie, os quais vieram arrancar do desespero e da fome a morte inevitável de muitas e preciosíssimas vidas. "Resolveu-se mais na mesma sessão para que fôsse distribuidas aos ilustres clínicos e membros das comissões médicas residentes na Côrte fazendo-lhes entregas de medallas, como símbolos inconstratáveis, penhor humilimo de sua desmedida dedicação. Enviar officio à Protetora dos Pobres, à mesa da Casa de Misericórdia, à Beneficência Portuguesa. A Cia. Paulista de E. de Ferro agradecendo água potável; A Casa Lidgerwood, ao Circoli Italiani Uniti, pelo seu directorio, louvando a sua humanitária dedicação ao emprestar seu edificio para Lazareto; ao Reitor do Colégio São Luiz, em Itu, pela cooperação do padre Pedro Martucci que levou continuamente á cabeceira dos enfermos o consolo de sua palavra unida ao intemerato sentimento de seu amor e desapego ás cousas humanas. "Em 20 ainda daquelle mês resolveu-se, também, officiar ao Comendador Henrique Chaves tornando público o sentimento de gratidão da Câmara pelos inolvidáveis e relevantes sentimentos de caridade da Imprensa da Côrte, informando-o de que se dera ao Largo Municipal, onde se encontrava o Passeio Público desta cidade, o nome de Praça Imprensa Fluminense." O Officio que seguiu para a Côrte foi assim registrado nos anais da Câmara local:

"Registro de um officio. Ilmo. Sr. A Câmara Municipal da Cidade de Campinas, Província de São Paulo, querendo, mais uma vez, dar um público testemunho de gratidão e comemorar de modo inolvidável os elevados sentimentos de caridade da Imprensa da Côrte, manifestado de modo tão positivo e útil durante a quadra

lutuosa porque passou esta cidade, resolveu, em sessão de 19 do corrente, dar ao Largo Municipal (onde se encontrava o Passeio Público desta cidade) o nome de Praça Imprensa Fluminense.

Ao D. D. Comendador Henrique Chaves,  
Representante da Imprensa da Côrte, em 20 de agosto de 1889.

Alguns anos mais tarde, o Conselho Consultivo da Associação Campineira de Imprensa pretendeu modificar o nome da Praça Fluminense para Praça Carioca, contra a qual se manifestou a maioria da população campineira que não desconhecia a origem da homenagem. Essa mudança, parece, não oferece motivo algum aceitável para se apagar aquêle ato praticado pela Câmara Municipal de 1889. Esta deliberação foi tomada de acôrdo com o seu tempo, praticada pela edibilidade daqueles dias, pois que se dava o nome de "fluminense", não só ás pessoas como as coisas do Rio, tanto na Capital como na Província. A denominação é actual e outra talvez não seja bem aceita. Qual a vantagem, pois de se anular a primitiva denominação? Ela representa a lídima expressão do sentido dos antigos vereadores, ou melhor, o imenso reconhecimento da alma campineira para com a Imprensa Fluminense, como era, então conhecida a imprensa da Côrte. Ninguém, portanto, de boa fé, com espirito de verdadeira justiça, poderá negar o bom senso, critério e sincero amor a esta terra, que presidiram aos atos dos vereadores campineiros d'esses tempos distantes" escreveu-se em comentário publicado no "Diário da Noite", da Capital bandeirante, em dias deste século.

(O presente é uma cópia xerográfica das páginas 28 a 39 do 22º Volume da obra "História da Cidade de Campinas" de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito (João Batista de Sá), da Editora Saraiva, S. Paulo, 1966)

